



Análise do Discurso Jornalístico: A Ocupação do Congresso Nacional durante as Manifestações de Junho de 2013, a partir de reportagens do Portal G1/Brasília e do site do telejornal Bom Dia Brasil¹

Júlio César Matos DELGADO²
Kamila dos Santos NASCIMENTO³
Renato NASCIMENTO⁴
Faculdade Estácio do Pará, Belém, PA

RESUMO

As manifestações de junho de 2013 tiveram grande repercussão no país e foram destaques nos principais meios de comunicação. As abordagens feitas pelos Portais G1/Brasília e do telejornal Bom dia Brasil merecem destaque pelas distintas angulações dadas ao mesmo acontecimento: a ocupação da Cobertura do Congresso Nacional. Dessa forma realizou-se uma análise comparativa que busca a interpretação do discurso de cada veículo. As reportagens foram fragmentadas para permitir análise detalhada de ambas narrativas que pertencem ao mesmo canal de comunicação, mas que foram repassadas ao leitor de maneira diferente. O trabalho visa compreender os movimentos discursivos na produção de identidades, com base em publicações de especialistas em Análise do Discurso e também no que é repassado pela academia acerca dos conceitos sobre ética e imparcialidade no jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; jornalismo; manifestações; identidades; comunicação.

1 INTRODUÇÃO

O mês de junho de 2013 se destacou pelo grande número de manifestos em todo o país e que reuniram milhares de pessoas. Esses manifestos foram em função desde reajustes de tarifas de transporte público até dinheiro público mal investido. Com grande repercussão o fato foi narrado, discutido e analisado por várias mídias de comunicação e por cidadãos que foram diretamente afetados pelos inúmeros transtornos que as ações causaram.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

² Graduando do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Estácio FAP, 5º semestre, e-mail: juliomatosdelgado@gmail.com.

³ Graduanda do Curso de Jornalismo da Estácio FAP, 5º semestre, e-mail: monteirokamilanascimento@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Estácio FAP, e-mail: renato.nascimento@estacio.br.



No dia 17 de junho, a capital federal, teve todos os holofotes voltados para si. O Congresso Nacional foi ocupado por manifestantes. Há quem diga que tudo não passou de puro vandalismo, outros dizem que foi apenas mais um manifesto, como outros tantos que estavam a acontecer. Muitos dos que foram ao Congresso no dia 17 eram contra a PEC 37, o abuso da polícia em relação às pessoas que participavam dos manifestos e também contra o dinheiro público investido em estádios de futebol para sediar a Copa do Mundo em 2014, entre outras reivindicações.

Os manifestantes ocuparam o gramado, o espelho d'água e a cobertura do Congresso, deixando os policiais, que ali atuavam atentos tanto com o espaço e estrutura do Congresso Nacional quanto com a evolução da caminhada que poderia chegar ao Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal, que ficam ao lado do prédio do Congresso.

As manifestações pelo Brasil se tornaram um fenômeno social e todos os portais de notícias e programas de televisão passaram a tratar com muita atenção o que estava acontecendo no Brasil. A Rede Globo de Televisão foi bastante criticada pelos muitos manifestantes e por vezes chegou a ser impedida de realizar coberturas jornalísticas durante alguns atos.

Um dos meios de comunicação das Organizações Globo, o Portal de notícias G1 foi muito utilizado para informar a sociedade sobre o que estava a acontecer de norte a sul do Brasil. O *site* que é muito bem dividido em editorias abrange, entre outras, economia, natureza e ciência. Para facilitar a visitação e leitura, as notícias no G1 também são separadas por informações dadas durante as programações da Televisão e por eventos ocorridos em cada Estado.

Pela história que a Rede Globo tem com o jornalismo no Brasil, contando com jornalistas reconhecidos pela sociedade - que transmitem muita confiança para os telespectadores, tudo que a empresa de comunicação repassa para a sociedade muitas vezes é aceito sem a necessidade de conferir em outro veículo/emissora se a informação é completamente verdadeira.

Tanto o G1 quanto outros canais de informação da Rede Globo, são considerados sérios e confiáveis por parte da sociedade, enquanto a outra parte diz que os brasileiros sofrem uma forte manipulação vinda dos inúmeros canais que ela possui.

Mesmo passando por grandes rejeições da população, os repórteres da Rede Globo se esforçavam e encontravam maneiras de registrar o evento. Assim como os programas jornalísticos da emissora, o G1 também narrou o fato ocorrido no Congresso



Nacional, no dia 17 de junho. Esta situação gerou duas matérias: uma no Portal G1 - Distrito Federal, e a outra no *site* do telejornal Bom Dia Brasil, vinculado ao Portal G1, logo, às Organizações Globo.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

O artigo busca compreender os movimentos discursivos na produção de identidades, a partir de duas matérias jornalísticas sobre a mesmo assunto, porém com diferentes abordagens.

2.2 ESPECÍFICOS

Analisar as influencias das matérias sobre os leitores; comparar as diferentes narrativas publicadas sobre o mesmo fato dentro do mesmo canal de comunicação, e debater os pontos de vista propõe estudar.

3 JUSTIFICATIVA

Na academia são repassados conceitos de ética e imparcialidade que o jornalista deveria sempre seguir durante o exercício de sua profissão, mas tais ensinamentos em muitas ocasiões são esquecidos por profissionais da área, o que resulta na omissão de informações que permitam ao leitor alternativas de interpretação.

Charaudeau (2009, p.131) discorre que:

Não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular, o qual constrói um objeto particular que é dado como um fragmento do real. Sempre que tentamos dar conta da realidade empírica estamos às voltas com um real construído, e não com a própria realidade. Defender a ideia de que existe uma realidade antológica oculta e que, para desvela-la, é necessário fazer explodir falsas aparências, seria reviver um positivismo de má qualidade.

Os jornalistas falham em alguns momentos e acabam formando opiniões que os leitores sem achar necessidade de comprovar a veracidade e o dimensionamento acabam encarando o dizer do jornalista uma “verdade incontestável”.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quadro Comparativo

	G1 Distrito Federal	Site do telejornal Bom dia Brasil
--	----------------------------	--



Imparcialidade / Parcialidade no título	Invadem	Ocupam
Quanto ao número de manifestantes	5,2 mil pessoas	10 mil pessoas
Quanto ao número de presos	Pelo menos dois Ninguém	Dois
Violência	Invadir Spray de pimenta Tochas Reforço Cavalaria Pedra Cassetetes Intimidá-lo Cuspiram Chutaram Máscaras	Ocuparam Poucos incidentes Pacífica Minoria Raros

A análise do discurso é um ramo da pesquisa que busca compreender a produção social de sentidos. Esta produção social é realizada por sujeitos históricos, por meio da materialidade das linguagens.

A mídia tem-se tornado gradativamente objeto primeiríssimo das investigações dos estudiosos da análise do discurso, os analistas de discurso.

Segundo Foucault (1978), o discurso é tomado como uma prática social, historicamente determinada, que constitui os sujeitos e os objetos.

Michel Foucault expressou ideias que são determinantes para a construção da análise do discurso. Em sua obra “A arqueologia do saber” sistematiza uma série de conceitos determinantes para a abordagem do discurso. Entre elas: a) O discurso é uma prática que provém da formação dos saberes e que se articula com outras práticas não discursivas; b) O discurso é um jogo estratégico e polêmico, por meio do qual se constituem os saberes de um momento histórico; c) O discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, e d) A produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que visam determinar aquilo que pode ser dito em certo momento histórico.



Percebe-se com isso que Foucault se interessa analisar condições que permitem o aparecimento de certos enunciados e a proibição de outros. Ou seja, em um momento histórico existem algumas ideias que devem ser enunciadas e outras que precisam ser caladas.

“Enunciar” e “calar” são estratégias que controlam os sentidos e as verdades.

Analisar discursos significa tentar compreender a maneira como as verdades são produzidas e enunciadas.

As mídias desempenham o papel de mediação entre os seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação de sua relação com a realidade concreta.

Na sociedade atual a mídia é o principal meio discursivo através do qual formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, moldando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente.

A instantaneidade da mídia acontece através do que ela oferece ao leitor por meio de textos verbais e não verbais.

Como os sujeitos são sociais e os sentidos são históricos, os discursos se digladiam, se envolvem em batalhas, caracterizando lutas para expressarem uma identidade.

Em “Microfísica do poder”, Foucault (1978) diz que em todo o campo social os micropoderes promovem uma luta contínua pelo estabelecimento de verdades que, sendo históricas, são relativas, instáveis e estão em permanente reconfiguração. Esses “micropoderes” sintetizam e põem em circulação as “vontades de verdade” de parcelas da sociedade em determinado momento de sua história.

As identidades então são construções discursivas, relatividades estabelecidas pelos micropoderes.

Alguns modelos de identidades são socialmente úteis, já que estabelecem paradigmas, estereótipos, maneiras de agir e pensar que simbolicamente inserem o sujeito em uma “comunidade imaginada”.

Em nossa época a mídia é uma poderosa e inesgotável fonte de produção e reprodução de subjetividades, o que evidencia sua sofisticada inserção na rede de discursos que modelam a história do presente.

A escolha de tal meio de comunicação, internet, deu-se pela facilidade encontrada para se fazer comparação de duas matérias que abordam em diferentes



perspectivas o mesmo fato. Este fato traz à tona uma das inúmeras manifestações que marcaram a história da República do Brasil e que aconteceram em junho passado, quando grande parte da população resolveu ir às ruas do reivindicar melhorias em prol da sociedade.

Noite de segunda-feira, 17 de junho de 2013. Manifestantes protestam na capital federal e tomam a cobertura do Congresso Nacional.

Assim o Portal G1 publicou matéria sobre o fato ainda na noite do dia 17:

*Manifestantes **invadem** a cobertura do Congresso Nacional.*

***Milhares** se reuniram diante do Congresso, e uma parte ocupou a marquise. Seguranças tentaram, mas não conseguiram conter o acesso da **multidão**.*

Título e subtítulo já antecipam – e muito, o que o leitor acompanhará na cobertura que foi feita a partir de uma visão que traz manifestantes enquanto protagonistas (vilões) de um ato onde a baderna talvez fosse o real propósito.

Durante o intenso período das manifestações que se estenderam por todos os Estados da nação, muito se falou sobre a forma pacífica e nem tão pacífica com que muitos agiram. A quem estava de fora, não se envolveu, não foi às ruas, restava acompanhar aos acontecimentos pelos veículos de comunicação que em cobertura incessante veiculavam o “grito de um povo”.

As mídias desempenham o papel de mediação entre os seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação de sua relação com a realidade concreta.

A instantaneidade da mídia acontece através do que ela oferece ao leitor por meio de textos verbais e não verbais.

Voltando ao título e subtítulo, aliados a primeira imagem que fora publicada pelo G1, o que se percebe é a ênfase que foi dada aos manifestantes que ao ultrapassar seguranças e adentrarem as dependências do Congresso agiram feito vândalos, desordeiros, jovens afim de tumultuar.

Termos como “milhares” e “multidão” utilizados para compor o subtítulo oferecem ao leitor a ideia de uma grande quantidade de pessoas querendo destruir um espaço onde a ordem deveria imperar. Título e subtítulo da matéria sequer mencionam o propósito daqueles tantos estarem ali: Revolução.

Sem perder o sentido o mesmo trecho poderia ter sido substituído por: “manifestantes indignados com os gastos do país com as copas das confederações e do



mundo e em apoio aos manifestantes em São Paulo contra o reajuste das tarifas de transporte público ocupam o Congresso”.

Essa “explicação” até foi dita mais adiante no texto, porém o que se percebe é que o Portal G1 priorizou destacar a ação dos manifestantes de forma não pacífica. A reportagem menciona o cordão de isolamento que foi quebrado, o uso de cassetetes e spray de pimenta feito por policiais militares para tentar “acalmar os ânimos” e máscaras que jovens utilizavam a quando do protesto. Sem contar que a matéria se encerra com “os manifestantes jogaram um skate e pedras em direção aos policiais”.

Ou seja, o que se percebe é que tal reportagem tenciona passar ao leitor uma visão dos manifestantes e da manifestação que estava a acontecer. Uma visão não tão positiva assim. Sem contar que a publicação do fato foi feita ainda na noite de segunda. O que pode-se levar a intuir a necessidade em apresentar o quanto antes tal perspectiva do acontecimento ao leitor.

Em Orlandi (2008) a análise do discurso objetiva compreender tipo de real, sujeito à interpretação e que se dá no cruzamento da língua com a história. Para tal, ela propõe que se inaugurem novas práticas de leitura, construindo-se outras “escutas” que permitam levar em conta esses efeitos e explicitar a relação – discursiva – com esse saber que não se aprende.

O princípio dessas práticas de leitura consistiria levar em conta a relação do que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando “escutar” a presença do não dito no que é dito: presença produzida por ausência necessária.

O site do Bom Dia Brasil optou por outra forma para contar sobre o acontecido. O programa exibido na manhã da terça-feira, 18, exibiu reportagem sobre o fato. O vídeo da mesma foi posto no site e basicamente o que se dizia nele foi transcrito nas linhas da matéria que foi publicada.

De forma imparcial o site não tomou partido, muito menos apresentou “mocinhos” ou “vilões”. O que se viu, de forma sucinta, foi a apresentação de mais um acontecimento entre os tantos que estavam a acontecer pelo país.

A reportagem do site trazia como título e subtítulo:

*Manifestantes **ocupam** a cobertura do Congresso Nacional, em Brasília*

*Lideranças do movimento **disseram** que a manifestação era contra excessos da polícia, contra a PEC 37, e contra o uso de dinheiro público na Copa.*



O que se vê é que já no título a matéria optou-se por termo que não agride ao leitor. Ao invés de “invadir” que dá uma conotação mais profunda, aqui foi utilizado o verbo “ocupar”, para dizer o que os manifestantes estavam a fazer.

O subtítulo dá voz aos manifestantes apresentando o porquê da ocupação estar acontecer. Se estava acontecendo, existiam motivos para tanto e que aqui não foram “camuflados” ou deixados para ser ditos depois.

Pode-se dizer que a cobertura do Bom Dia Brasil apresenta ao leitor um movimento pacífico e sempre procura relatar os motivos que levaram os manifestantes a medida que foi tomada.

Tanto a matéria do Portal G1 quanto o texto do site do Bom Dia Brasil trataram de um mesmo assunto encarado como fenômeno social e de interesse público, mas com uma diferença: angulações distintas.

Nos títulos dos dois textos e nas imagens utilizadas, é possível perceber a influência que as matérias refletem em seus leitores. Enquanto no Bom Dia Brasil procura-se fazer uma narração de forma superficial e atenta, além de não utilizar o recurso de imagens para composição da matéria, o Portal G1 enfatiza momentos de radicalismo seja no corpo do texto, e mais ainda no uso de fotos impressionantes.

Imagem de jovens na cobertura do Congresso Nacional transmite a sensação deles serem “gigantes”. Aqui se faz um paralelo importante nesta análise: um dos gritos de ordem das manifestações era justamente “O gigante acordou”.

É interessante ainda ressaltar a maneira como toda a matéria do G1 foi elaborada. O leitor é convidado a ler a partir da estética do que se estava publicado. É praticamente impossível não atrair leitores usando imagens de multidão, de fogo, policiais e jovens retratados como “gigantes” em uma grande estrutura pública no momento em que os brasileiros estão vivendo uma grande “desordem social”.

O leitor que não acompanhou assiduamente os noticiários sobre o evento e leu apenas a matéria do Portal G1 Distrito Federal, irá facilmente acreditar que a manifestação concentrou apenas baderneiros e vândalos. O trecho que relata que os seguranças não conseguiram controlar a multidão colabora ainda mais para influenciar o leitor de que a manifestação não foi pacífica. Esta hipótese é fortalecida com esta passagem:

Muitos acenderam luzes dos celulares e tochas, improvisadas com recipientes de desodorantes em spray.



Tocha. Esta palavra nos remete cenário de guerra, um grave caos social, talvez algo medieval. Pode-se acreditar que aquele que leu o texto, ficou horrorizado com as atitudes dos manifestantes. Fica difícil de acreditar que as manifestações era plausíveis ao observar ao se ler esta matéria.

Com o G1 o movimento tende a ser menos respeitado por aquele que depende desta cobertura para se inteirar do fato.

Noticiários veículado pela televisão, por exemplo, se preocuparam em não miturar informações das manifestações pacíficas, daquelas que vandalismo imperava, pois sim, houve dois tipos de manifestações, que eram representadas por dois tipos de manifestantes.

Diretor-geral da Câmara dos Deputados, Sérgio Sampaio, acompanhado de oficiais da PM, tentava sair para ver qual era a situação fora do edifício quando manifestantes o reconheceram e começaram a intimidá-lo. Os manifestantes romperam o cordão de policiais e, quando Sampaio viu que não ia conseguir deixar o prédio, recuou. Manifestantes cuspiram nele e o chutaram.

Na citação acima o leitor pode entender que todos os manifestantes eram radicais o suficiente para invadir o Congresso Nacional, cuspir, chutar e intimidar pessoas. Uma clara visão de caos social que não possivelmente não traria sensação de orgulho àquele a lê-se.

Essa visão de radicalismo não foi mostrada no site do Bom Dia Brasil. Logo no início do texto é informado que "*A maior parte da manifestação foi pacífica. Houve poucos incidentes, de pequenos grupos, e ocorreram apenas no fim da manifestação*".

Destaca-se que nesta passagem, o redator não generaliza a autoria dos incidentes e deixa claro que todo o movimento foi pacífico. Logo em seguida, o jornalista reforça a sensação de que o manifesto “tranquilo” como em outros que já acontecera, quando afirma que "*protestos são comuns na Esplanada do Ministérios*".

Talvez por ter ocorrido em Brasília, o jornalista aproveitou a situação para alertar ao ponto em que as manifestações chegaram.

Por causa de repercussões de matérias e reportagens, como a do Portal G1, muitos brasileiros deixaram de ir às ruas manifestar seus pedidos, anseios e desejos por medo de sofrerem com ações dos pequenos grupos de vândalos que frequentemente estavam presente.



Esta angulação das manifestações, escolhida por muitos formadores de opiniões, mudaram radicalmente o discurso de vários brasileiros. E provavelmente dos estrangeiros.

REFERÊNCIAS

- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.
- FIORIN, J. L. Elementos de análise do discurso. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- _____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. Campinas/SP: Pontes, 2007.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos**. 3. ed. Campinas/SP: Pontes, 2008.
- RINGOOT, Roselyne. **Por que e como analisar o discurso no contexto dos estudos sobre jornalismo?** in: Comunicação e Espaço Público, 1, 2006, Brasil. 2006. p. 133 - 139.

ANEXO 1

Matéria veiculada no Portal G1/Brasília em 17 de junho de 2013.

17/06/2013 19h33 - Atualizado em 17/06/2013 22h12

Manifestantes invadem cobertura do Congresso Nacional

Milhares se reuniram diante do Congresso, e uma parte ocupou marquise. Seguranças tentaram, mas não conseguiram conter acesso da multidão.

Do G1, em Brasília

189 comentários



Manifestantes ocupam a cobertura do Congresso Nacional (Foto: Fabiano Costa / G1)

Manifestantes romperam na noite desta segunda (17) o cordão de isolamento da Polícia Militar e ocuparam a marquise do Congresso Nacional onde ficam as cúpulas da Câmara e do Senado, em Brasília.

Inicialmente, os seguranças do Congresso conseguiram conter o acesso dos manifestantes, que subiram na marquise por uma das laterais do prédio (*veja no vídeo abaixo o momento da invasão*).



Mas, em grande número, os manifestantes retornaram, e os seguranças não conseguiram mais evitar. O acesso à cobertura do Congresso não é permitido. Abaixo, a uma altura de cerca de cinco metros, há um espelho d'água. Por volta das 19h45, parte dos participantes do protesto começou a deixar a marquise.

A ação foi parte do protesto que reuniu milhares de pessoas em frente ao Congresso Nacional contra os gastos do país com as copas das Confederações e do Mundo e em apoio às manifestações em São Paulo contra o reajuste das tarifas do transporte público. A Polícia Militar estimou em 5,2 mil o número de participantes da manifestação em Brasília.

O protesto em Brasília teve início às 17h. Os manifestantes saíram do Museu da República em direção ao Congresso Nacional. No trajeto, eles chegaram a fechar as seis faixas do Eixo Monumental.

Por volta das 20h, os manifestantes conseguiram furar parte do bloqueio policial e chegaram a cinco metros da entrada principal do Congresso. Uma barreira de policiais militares se posicionou na porta de entrada para evitar a entrada.

A cada momento os manifestantes entoam palavras de ordem contra um tema diferente. Entre os alvos do protesto está a PEC 37, que limita o poder de investigação do Ministério Público e está em tramitação na Câmara. Os manifestantes gritaram ainda: "Fora Feliciano!" e "fora mensaleiros!"

Com máscaras no rosto, muitos seguravam bandeiras brancas e cartazes com dizeres como “Não à violência”. Cerca de meia hora antes da invasão da marquise, **pele menos dois** manifestantes haviam sido presos por jogar água em policiais.

A invasão da marquise do Congresso ocorreu depois de os manifestantes prometerem ao policiamento voltar ao Eixo Monumental e seguir em direção à Rodoviária do Plano Piloto, no sentido contrário ao Congresso.

De cima do edifício, manifestantes pediam para que os demais integrantes da marcha também subissem à marquise. Um cordão da Polícia Militar se posicionou na rampa do Congresso, isolando o acesso à área do Senado – os manifestantes estavam concentrados na área da Câmara.



Observados por manifestantes, policiais fazem cordão de isolamento na Chapelaria, no Congresso Nacional (Foto: Fabiano Costa/G1)

Muitos acenderam luzes dos celulares e tochas, improvisadas com recipientes de desodorantes em spray. Também gritavam palavras de ordem. “Ih, ferrou, o gigante acordou, o povo acordou”.

O deputado André Vargas (PT-PR), vice-presidente da Câmara e presidente em exercício da Casa nesta semana, chegou a solicitar reforço do efetivo policial ao governador Agnelo Queiroz.

“Ih, ferrou, o gigante acordou, o povo acordou”

Frase entoada por manifestantes em frente ao Congresso

O presidente em exercício da Câmara, André Vargas (PT-PR), se reuniu com o governador do Distrito Federal, Agnelo Queiroz, para pedir reforço no policiamento no Congresso. Em nota, a Câmara disse que Vargas “entende ser legítima toda a forma de manifestação democrática”, mas diz que “no entanto, sua maior preocupação é garantir a segurança de manifestantes, dos servidores e do patrimônio público”.

Às 19h50, a cavalaria da PM impedia os manifestantes que estavam no Eixo Monumental de descer em direção ao gramado do Congresso Nacional. Policiais militares também impediam que outros grupos de manifestantes seguissem da Rodoviária do Plano Piloto em direção ao Legislativo.

Um vidro do gabinete da 1ª vice-presidência da Câmara foi quebrado com uma pedra. Pelo menos 25 policiais da Casa atuavam na entrada e na Chapelaria e os demais nas outras entradas e anexos.

Às 20h50, três manifestantes foram levados para dentro do Congresso para negociar com a Polícia Legislativa. Quem comandou a conversa foi Paulo de Tarso, representante da Polícia Legislativa.



Alguns manifestantes invadiram o espelho d'água do Congresso Nacional, em Brasília, gritando palavras de ordem como "Fora Feliciano", "Não, não me representa", "Esse



*Congresso é a vergonha do Brasil" e "Sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor".
(Foto: Fabiano Costa/G1)*

O jovem Pedro Henrichs, de 27 anos, disse que faria uma lista de pedidos e estabeleceu três prioridades: punição aos policiais que agrediram manifestantes em SP, a abertura na Câmara de um procedimento de investigação de abusos por parte da polícia, e garantia de liberdade de manifestação.

Outro jovem chamado a negociar pediu uma "posição do governo" em relação à PEC 37, que limita o poder do Ministério Público, e uma reunião com deputados do DF e de cada estado da federação.

O representante da Polícia Legislativa disse que entregaria as demandas aos parlamentares e pediu que os jovens negociassem a saída dos manifestantes da porta da Câmara. No entanto, até as 21h10, centenas de jovens se aglomeravam na entrada principal diante do cordão de isolamento da polícia.

Diretor-geral da Câmara dos Deputados, Sérgio Sampaio, acompanhado de oficiais da PM, tentava sair para ver qual era a situação fora do edifício quando manifestantes o reconheceram e começaram a intimidá-lo. Os manifestantes romperam o cordão de policiais e, quando Sampaio viu que não ia conseguir deixar o prédio, recuou. Manifestantes cuspiram nele e o chutaram.

Manifestantes e policiais se enfrentaram às 21h50, depois que um grupo tentou invadir a Chapelaria. Os policiais usaram cassetetes e spray de pimenta para dissolver a multidão. Os manifestantes jogaram um skate e pedras em direção aos policiais. O confronto durou menos de cinco minutos. Ninguém foi preso.

ANEXO 2

Matéria veiculada no site do Telejornal Bom Dia Brasil, em 18 de junho de 2013.

Manifestantes ocupam a cobertura do Congresso Nacional, em Brasília

Lideranças do movimento disseram que manifestação era contra excessos da polícia, contra a PEC 37, e contra o uso de dinheiro público na Copa.



Vídeo exibido durante exibição do Telejornal de 18/6/2013

Em **Brasília**, manifestantes ocuparam a cobertura do Congresso. Dez mil pessoas foram à Esplanada dos Ministérios protestar.

A maior parte da manifestação foi pacífica. Houve poucos incidentes, de pequenos grupos, e ocorreram apenas no fim da manifestação.

Protestos são comuns na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. O que chamou a atenção dessa vez foi que os manifestantes não se limitaram a gramado do Congresso.

Era fim de tarde quando os manifestantes ocuparam todas as faixas da Esplanada dos Ministérios.

Uma hora de caminhada até o destino. Alguns foram para o espelho d'água.

Os policiais militares que acompanhavam a manifestação se posicionaram em frente ao Congresso Nacional para impedir que os jovens avançassem. Mas uma minoria tentou forçar a barreira. "Correria, correria. Os manifestantes estão jogando latas e a polícia devolvendo com muito spray de pimenta", diz a repórter.



Os jovens responderam jogando água. No confronto, dois manifestantes foram presos. “É um grupo de 15 ou 20 pessoas que estão incitando a briga e a gente está tentando evitar esse confronto”, diz Wellington Fontanelle, coordenador da manifestação.

Mas alguns driblaram a PM e encontraram uma brecha na lateral. “Os estudantes então tomam conta agora aqui dessa marquise da Câmara dos Deputados”, relata a repórter.

Nesse momento, o Palácio do Planalto e o **Supremo Tribunal Federal**, que ficam ao lado, tiveram a segurança reforçada.

De acordo com a polícia, eram cerca de dez mil pessoas. Lideranças do movimento disseram que a manifestação era contra os excessos da polícia em outros protestos pelo país, contra a PEC 37, que tira o poder de investigação do Ministério Público, e contra o uso de dinheiro público na Copa.

“Quero dinheiro pra saúde e educação”, diziam.

Depois de descerem a rampa, os jovens se dirigiram para a entrada principal do Congresso. A polícia fez outro bloqueio. O governo do **Distrito Federal** reclamou da dificuldade para negociar.

“Tem duas horas que estou procurando o articulador e não aparece”, diz o coronel Rogério Leão, chefe da casa militar da GDF.

O clima ficou mais tenso. Objetos foram lançados. Um martelo trincou o vidro da porta.

“A cada momento chegam mais policiais para reforçar aqui esse cordão de isolamento em frente às vidraças da entrada do Congresso Nacional”, diz a repórter.

Mais uma vez, os manifestantes forçaram a barreira. Os jovens recuaram. Alguns passaram mal.

Depois de quase sete horas de protesto, os últimos manifestantes foram embora. A saída foi tranquila.

A situação na manhã desta terça (18) é bem tranquila, segurança mesmo, só a de rotina. E a presença dos funcionários que limpam o local, que ontem foi ocupado pelos manifestantes.

É claro que a situação é bem diferente da que foi vista nessa segunda (17) quando o vice-presidente da Câmara, deputado André Vargas, precisou pedir reforço do policiamento ao governador do Distrito Federal, Agnelo Queiroz.

Quatrocentos policiais acompanharam a manifestação, que foi pacífica em Brasília, com raros episódios de violência. Segundo a PM, dois policiais e um manifestante ficaram feridos. Uma viatura teve os vidros quebrados.

Em nota, a organização do protesto aqui em Brasília elogiou o comando da Polícia Militar e o trabalho da imprensa.

A secretaria de comunicação social da presidência informou que para a presidente Dilma Rousseff as manifestações pacíficas são legítimas e próprias da democracia.